



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 7, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.22>

Recebido em: **28/08/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

NARRATIVAS DE LICENCIANDOS(AS) EM PEDAGOGIA E APRENDIZAGENS SOBRE A DOCÊNCIA; NARRATIVES OF LICENSEES (AS) IN PEDAGOGY AND LEARNING ABOUT TEACHING; NARRATIVAS DE LICENCIADORES (AS) EN PEDAGOGÍA Y APRENDIZAJE SOBRE LA ENSEÑANZA.

IDELSUITE DE SOUSA LIMA

<https://orcid.org/0000-0002-0418-1561>

ELZANIR DOS SANTOS

Resumo

Este trabalho versa sobre uma investigação que buscou analisar narrativas (auto)biográficas de licenciandos(as), enfocando experiências marcantes acerca de contextos de escolarização e suas implicações para sua formação e construção da identidade docente. Seu desenvolvimento amparou-se na abordagem da pesquisa (Auto)biográfica, dimensionada na perspectiva de investigação e formação. Os resultados apontam uma representação da docência assimilada como possibilidade de transformação; destacam relações positivas com os professores; evidenciam que o ato de narrar desvela e ajuda a construir sentidos e/ou ressignificar aspectos da vida, da formação, dos processos identitários docentes, abrindo uma fresta para pensar a atuação futura. As narrativas de si inscrevem-se, assim, como um dispositivo autoformador.

Palavras-chave: Narrativas, Autoformação, Identidade docente, Pesquisa (auto)biográfica, Docência.

Abstract

This work is about an investigation that sought to analyze autobiographical narratives of undergraduate students, focusing on remarkable experiences about schooling contexts and their implications for their formation and construction of the teaching identity. Its development was supported by the approach of (Auto) biographical research, dimensioned in the perspective of research and training. The results point to a representation of teaching assimilated as a possibility of transformation; highlight positive relationships with teachers; they show that the act of narrating reveals and helps to build meanings and / or reframe aspects of life, education, teaching identity processes, opening a gap to think about future actions. Self-narratives are thus inscribed as a self-forming device.

Keywords: Narratives, Self-training, Teaching identity, (Auto) biographical research, Teaching.

Resumen Este trabajo trata sobre una investigación que buscó analizar narrativas autobiográficas de estudiantes de pregrado, enfocándose en experiencias notables sobre contextos escolares y sus implicaciones para la formación y construcción de la identidad docente. Su desarrollo se apoyó en el enfoque de la investigación (auto) biográfica, dimensionada en la perspectiva de la investigación y la formación. Los resultados apuntan a una representación de la docencia asimilada como posibilidad de transformación; destacar las relaciones positivas con los profesores; muestran que el acto de narrar revela y ayuda a construir significados y / o replantear aspectos de la vida, la educación, la enseñanza de los procesos identitarios, abriendo una brecha para pensar en acciones futuras. Las auto-narrativas se inscriben así como un dispositivo de auto-formación.

Palabras-clave: Narrativas, Auto-entrenamiento, Identidad docente, Investigación (auto) biográfica, Enseñando.

INTRODUÇÃO

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado.

Sou fraco para elogios.

Manoel de Barros

(In: Tratado geral das grandezas do ínfimo, 2001).

As narrativas formativas ocupam lugar de destaque em investigações acerca da formação docente. O presente texto aborda narrativas (auto)biográficas de estudantes do do Curso de Pedagogia, com realce para as experiências marcantes do processo formativo. Trata-se de uma pesquisa que busca problematizar experiências individuais e coletivas da escolarização destes(as) estudantes, bem como, os significados construídos na formação inicial, promovendo o conhecimento e reflexão de si - autoconhecimento -, dos outros e dos contextos.

A narrativa (auto)biográfica docente constitui-se em um dispositivo a partir do qual histórias da escolarização vêm à tona nas lembranças registradas. Nestas, presentificam-se situações que intercalam atitudes pessoais a acontecimentos mais elaborados em que muitos outros também tiveram participação. Esta escrita inspira um repensar sobre processos formativos, com o intuito de rever, questionar, relembrar ações individuais e coletivas vivenciadas pelo narrador. Para Benjamim (1994, p. 21), “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros”.

Assim, a história de formação não é apenas uma realização particular, mas um trajetória permeada de vivências individuais e coletivas, de afetos, desafetos, situações, eventos, caminhos e descaminhos que se cruzam, se misturam, se dissipam, resistindo ao tempo e à seleção daquilo que marcou positiva ou negativamente.

Não é sem razão que há afirmações de alunos ou de professores que, ao refletirem sobre suas situações estudantis, rememoram, com alegria, determinadas passagens de suas vidas ou, revisitam episódios não tão positivos, mas que contribuíram para serem o que são. São lembranças de professores, de disciplinas cursadas, de colegas, de aprendizagens, de aspectos considerados marcantes em suas trajetórias.

Essas vivências são rememoradas através de filtros particulares, uma vez que a memória é seletiva e o narrador somente traz do passado aquilo que considera relevante. Não o passado resgatado ou trazido na sua integridade, mas o olhar de hoje que ilumina o acontecimento vivido e o ressuscita sob determinadas nuances. Dessa forma, os estudantes utilizam a palavra narrada para potencializar memórias individuais ou coletivas que já estavam no plano do esquecimento. Para Lispector (1998, p.19) é um esforço de “tornar nítido o que está quase apagado”.

Sob essa perspectiva, este estudo direciona-se pela seguinte questão: quais lembranças são rememoradas pelo(a)s licenciando(a)s acerca de contextos de escolarização e as implicações destas para sua formação docente?

Essa indagação reforça o interesse da presente pesquisa para investigar percursos de formação experimentados pelos licenciandos, bem como significar tais experiências naquilo que os afeta em relação ao tornar-se professor. O pressuposto deste estudo é que as experiências vividas e registradas através da escrita narrativa se constituem em importantes elementos para a compreensão da formação e da identidade docente.

O exercício da escrita manifesta um repensar sobre o vivido e uma elaboração de sentidos construídos na rememoração. Ao narrar aspectos da trajetória, o(a) estudante repensa, reflete e passa a compreender dimensões da sua realidade, até então, desconsideradas.

Os objetivos da pesquisa foram elaborados com o intuito de analisar situações de formação rememoradas pelo(a)s licenciando(a)s de Pedagogia acerca de contextos de escolarização e suas implicações para sua formação. Especificamente, o estudo buscou caracterizar, nos percursos de escolarização do(a)s graduando(a)s, experiências formadoras; identificar como tais experiências afetam o(a)s estudantes em relação ao tornar-se professor(a); favorecer a reflexão acerca do processo de escrita de si e a possível contribuição para a autoformação.

O referencial teórico metodológico empregado é o da pesquisa (auto)biográfica na sua dimensão de instrumento de coleta de dados e formativa. Utilizou-se a produção de narrativas como dispositivo, com o intuito de potencializar a análise de si, a rememoração. Essa perspectiva teórico-metodológica toma por base os estudos de Josso (2004; 2006), Delory momberguer (2006), Souza (2006), Passegi (2010), entre outros que fundamentam a pesquisa narrativa como campo epistemológico.

Trata-se de uma epistemologia que elege o processo reflexivo através das narrativas como objeto de formação de professores, por colocar em relevo traços da memória, tornando evidente o sentido da reflexão por parte do sujeito que narra, que pensa, que reflete sobre a docência.

A pesquisa autobiográfica, enquanto dispositivo de investigação e de formação tem assumido protagonismo crescente, desde os anos 1990, particularmente no campo da Educação, sendo denominado, enquanto movimento “virada biográfica em educação” (PASSEGGI; SOUZA, 2011). Inúmeras são as investigações que têm contribuído para sua consolidação no Brasil, evidenciando-a como paradigma de formação, particularmente no âmbito da profissão e formação de professores, pois a escrita de si implica numa potencialidade autoformativa incontestável, na medida em que o sujeito que narra reflete acerca dos seus modos de ser, fazer e pensar em relação com os outros e com o mundo e, aprende com tais reflexões.

O trabalho narrativo favorece a recuperação e o inventário de inúmeras aprendizagens e que ajudam a compor os processos formadores. Muitas delas submersas, que a pessoa não sabe que sabe e só emergem no momento de construir e explicitar uma narrativa de si. Torna-se possível ainda, neste processo, tomar consciência das aprendizagens desenvolvidas nos inúmeros deslocamentos (geográficos, ou não) e nas inúmeras relações que cada um constrói em seu percurso de vida; obter clareza dos saberes apreendidos nos diversos espaços-tempos de formação, na rua, na vizinhança, nas filiações partidárias, escola e na universidade.

A escrita (auto)biográfica possibilita uma viagem interior na qual se reconhece e ressignifica lugares e eventos; compreende-se a origem de motivações, opções, resistências; favorece inventariar algumas aprendizagens, descoberta de potenciais e saberes implícitos; contribui para desvelar, enfim, faces dos processos identitários até então encobertos. Descobre-se, portanto, outro(a) sendo o(a) mesmo(a). A auto-compreensão vem acompanhada de inúmeras descobertas sobre aqueles(as) que compõem cada história narrada. Descobertas, que por sua vez, favoreceram um olhar, às vezes mais crítico, às vezes mais generoso sobre eles(as).

Nesta ótica é possível afirmar, então, que escrever sobre seu percurso formativo é uma experiência formadora, uma vez que esta implica o sujeito que a vive em um processo de reflexão sobre o que se passou, o que foi observado e sentido (JOSSO, 2004, p.56).

Outro aspecto importante do processo formador consiste em confirmar que a história individual traduz uma história coletiva. A possibilidade de uma tomada de consciência inscreve na narrativa biográfica um “objetivo emancipador para a pessoa e para a sociedade, pois é através deles que a pessoa atribui um sentido às suas próprias vivências e experiências, assim como às informações que lhe vêm do exterior” (FINGER, 2010, p.120). Ou seja, é possível estabelecer um nexo entre as vivências pessoais e os contextos, entre a história pessoal e a história social, através de uma compreensão retrospectiva da vida. A história individual traduz muitas histórias escritas a partir de uma dialética entre as determinações sociais e a capacidade singularizante de construir o devir.

A escrita praticada como processo de formação e investigação situa-se, ainda, na vertente que considera essencial dar voz aos professores em sua formação (NÓVOA, 1995), possibilitando questionar a história de formação e elaborar novos saberes vinculados à futura atuação docente. Essa possibilidade de estender essa memória mais ampla ultrapassa, nas palavras de Benjamim (1994, p. 21), “a experiência individual para alcançar as marcas da experiência histórica”.

O termo (auto)biográfica com o prefixo entre parênteses é utilizado por ter uma expressão mais abrangente e por incluir as biografias, autobiografias, webgrafias, etc, como bem defende (GUSDORF, apud PASSEGI, 2010). Revela processos de autoria dos quais emergem afetos atualizados pela memória, lembranças, histórias de vida e imagens das itinerâncias de cada um.

Nesta perspectiva, a pesquisa em tela toma a Universidade Federal como território de aprendizagem que lhe é próprio e o(a)s estudantes de Pedagogia como autores de sua formação em que destacam, através da rememoração, afetos e afecções da escolarização no Ensino Superior, vislumbrando o tornar-se professor.

O texto está organizado de modo a contemplar alguns aspectos, quais sejam: as experiências formadoras e a construção identitária como professor(a), às quais focalizam influências para a escolha do curso de graduação; as experiências que afetam o(a)s estudantes e os atributos do “bom professor” a partir das situações vividas na condição de aluno/a; a escrita de si e a autoformação, destacando o caráter formador do ato de refletir potencializado pela narrativa (auto)biográfica.

A POESIA ESTÁ GUARDADA NAS PALAVRAS - É TUDO QUE EU SEI. MEU FADO É O DE NÃO SABER QUASE TUDO - EXPERIÊNCIAS FORMADORAS E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COMO PROFESSOR(A)

O mote que dá título às partes deste texto são trechos da poesia ‘Tratado geral das grandezas do ínfimo’, do poeta Manoel de Barros. Este poema trata das singelezas, de incertezas, de outros saberes, de outros significados. Com o anúncio da primeira estrofe tem destaque, sobretudo, o que está subentendido e que se esconde nas entranhas do eu, na profundidade do pensar, no sentimento contido, na expressão do verbo encarnado, na poesia guardada nas palavras, como diz o poeta.

Ao narrar as histórias de formação, o(a)s estudantes expressam minúcias da trajetória formativa, a representação sobre a docência, os interesses pela escolha do curso, a imagem que guardam das experiências escolares. Registram reflexões sobre práticas educativas inseridas no contexto em que são produzidas, explicitam intenções, identificam lacunas, questionam o curso, o que possibilita desvelar mediações constitutivas da formação que estão construindo. Para ilustrar essa afirmação, uma aluna teceu o seguinte comentário:

Apesar de todas as falas negativas sobre a profissão professor, é nela que me encontro e me vejo; é por ela que vejo uma transformação que aos poucos está sendo construída por aqueles que acreditam. (CCBL)

A alusão à profissão professor emerge como uma bandeira de luta que ergue-se em meio aos desafios dos discursos negativos e firma-se numa tomada de decisão sobre aquilo que vislumbra, que acredita, que a faz encontrar-se consigo mesma. Postula, nesta fala, a assunção do professor como mobilizador de esperanças, como alguém capaz de construir possibilidades de modificar o que está posto e de projetar ações paulatinas que possam alterar a ordem estabelecida.

Há assim, um desejo que prenuncia a aposta em si, como agente de transformação, antevendo o futuro exercício da , como um processo de construção profissional. Revigora-se nessa expressão, o que diz o poeta ao afirmar que “o meu fado é o de não saber quase tudo”, revelando a incompletude, o inacabamento, em que transparece a ideia de que a formação é construída.

Essa construção é também mencionada na argumentação a seguir:

Estou me tornando professor ao longo de minhas experiências estudantis e das tentativas de ser professor. Não é tão óbvio quanto parece. Nas tentativas ressignifico, transformo, mudo, vou me fazendo e refazendo em um processo contínuo. (ABLJ)

A afirmação expressa neste texto destaca os passos da experiência formativa do autor, das idas e vindas ressignificadas, das mudanças processuais que se efetivam nas tentativas para realizar a formação inicial. Tomar ciência das continuidades e descontinuidades que permeiam a formação contribui para entendê-la como um processo contínuo e permanente, tanto individual quanto coletivo.

Nesta ótica, Souza; Souza (2017, p.167) afirmam que:

a perspectiva de trabalho com as narrativas de professores no contexto da formação inicial e continuada emerge no sentido de apreender as implicações pessoais e coletivas, bem como as marcas inscritas em suas memórias e nas aprendizagens que são construídas ao longo da vida.

Ao narrar sobre aspectos da formação emergem detalhes até então despercebidos, mas ao serem descritos, passam a compor sentidos através da reflexão demandada pela narrativa. Os depoimentos abaixo são reveladores:

No decorrer do curso foram surgindo disciplinas que me cativaram e encontrei, no curso, o objeto do meu estudo. Comecei a ver sentido na Pedagogia. (SB)

Os estágios vivenciados me fizeram perceber que é isso mesmo que quero para minha vida profissional e que minhas escolhas foram acertadas. Realizo-me nessa profissão, embora ainda não a exerça. (KMBL)

A capacidade de biografar, de elaborar narrativas sobre si permite lançar o olhar para o que estava encoberto, subentendido. Os trechos acima indicam essa potencialidade da escrita reflexiva, em que as autoras destacam elementos importantes da sua trajetória de formação, como a descoberta do sentido do curso superior proporcionado pelo teor das disciplinas e a percepção de que a escolha da profissão docente foi uma decisão acertada.

Permitir-se refletir através da narrativa é tomar uma atitude compreensiva, interpretativa e transformadora, que possibilita perceber sutilezas, rever posições, captar nuances, distinguir outras prerrogativas. Essa potencialidade da escrita revela-se como um processo formativo e formador, como defende Josso (2004).

O depoimento a seguir reforça esta perspectiva:

A Universidade proporcionou-me experiências jamais vivenciadas. A cada reflexão feita dentro deste universo é como se uma venda caísse dos meus olhos. Tudo que antes eu considerava como verdade, foi desmoronando e as vendas caindo. (KMBL)

A constatação de que a Universidade possibilitou, através do seu curso de graduação e das reflexões, a desconstrução de determinadas certezas representa um novo jeito de encarar e conceber o mundo ao seu redor. A ampliação da visão constitui um aprendizado proporcionado pela reflexão, expressa na escrita narrativa.

As experiências formadoras relatadas pelo(a)s estudantes apontam aspectos do tornar-se professor ou do que consideram como sendo um “bom professor”, o que será abordado no tópico a seguir.

SOBRE O NADA EU TENHO PROFUNDIDADES. NÃO TENHO CONEXÕES COM A REALIDADE – O QUE AFETA O(A)S ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO TORNAR-SE PROFESSOR(A) – OU SOBRE SER UM “BOM PROFESSOR”.

A profundidade de que fala o poeta tem relação com aquilo que toca, que comove, que afeta o ser na sua subjetividade. O que mais afeta o(a)s estudantes em relação ao tornar-se professor(a) ou o que seria para ele(a)s um “bom professor”?

As narrativas analisadas fazem emergir lembranças, sentimentos, emoções vividas pelo(a)s estudantes. Dizem muito de si e de seus momentos em sala de aula. Mais do que projetar as suas possíveis ações, desvelam impasses ou encantamento com seu(sua)s professore(a)s, alçados à posição de exemplo, como sendo referência ou incentivo para a escolha profissional. Os trechos a seguir são representativos:

Ele foi de suma importância para o processo de despertar para a docência, através de sua postura em sala de aula, pela metodologia. Ele sentava na cadeira do aluno, deixava que tomássemos o seu lugar, se portava como sendo um de nós e fazia perguntas com o nosso olhar, se colocava como

sendo mais um aprendiz. Aulas de campo, utilização de vídeos, peças teatrais, a aula de arte era a melhor da escola”. (CCBL)

Nesta escola tive professores não tão bons, mas outros que me ensinaram mais do que conteúdos curriculares, ensinaram sobre a vida, formação e são exemplos. Esses professores, talvez sejam exemplo, lá no meu inconsciente, responsáveis por eu estar no curso de Pedagogia. (LC)

Nesses depoimentos sobressaem características dos professores que motivaram aprendizagens, desejos, sonhos, escolhas e perspectivas quanto à docência e, desta forma, marcaram os percursos formativos do(a)s licenciando(a)s, constituindo-se em ‘parâmetros’ sobre como ser/tornar-se professor(a), configurando os significados atribuídos ao que se espera de um(a) professor(a).

Ao acompanhar as palavras do poeta, o “nada” pode ser significado como aquilo que, na maioria das vezes, é visto como insignificante, “desimportante”, ou seja, aspectos que não são considerados conteúdos formativos, que são os valores, as atitudes, os modos de ser, viver e sentir a profissão docente, expressos por àquele(a)s profissionais que escolhem a docência em todos os dias do exercício da sua profissão.

Embora sejam mencionados, dentre outros aspectos, a metodologia, atividades e recursos utilizados nas aulas, o destaque é atribuído, também, à relação não autoritária, a capacidade de ser professor/aprendiz, aos modos de ser e aos “ensinamentos para a vida”. Portanto, ao ressaltar dimensões positivas da conduta dos seu(sua)s professore(a)s, o(a)s estudantes indicam o que consideram ser um “bom” professor e que, desse modo, torna-se referência e ensina sobre a docência. Tais qualidades influenciaram, até mesmo, a escolha do curso.

Depreende-se daí, a responsabilidade intrínseca à docência, a qual extrapola, como há muito tempo se afirma, o domínio de conteúdos, pois assim como aprende-se em tempo integral, ensina-se o tempo inteiro, de várias formas e em tempos/espacos diversos.

PODEROSO PARA MIM NÃO É AQUELE QUE DESCOBRE OURO. PARA MIM PODEROSO É AQUELE QUE DESCOBRE AS INSIGNIFICÂNCIAS (DO MUNDO E AS NOSSAS) - A ESCRITA DE SI E A AUTOFORMAÇÃO.

A escrita de si é preme em potencialidades formadoras, porque permite um “dar-se conta”, ter consciência do repertório de saberes construídos ao longo das trajetórias, das escolhas, das tomadas de decisão e das pertenças; possibilita, igualmente, fazer um balanço das conquistas, dos empreendimentos, bem como das relações consigo, com os outros e com o mundo, resultando em um processo de formação-transformação viabilizado pela atribuição de sentidos e/ou ressignificação das experiências marcantes. Os depoimentos a seguir reiteram esta afirmativa:

Rever e elencar partes marcantes do meu processo de escolarização fortaleceu a identidade com a minha profissão docente, significando, para mim, a descoberta do motivo, até então desconhecido, da escolha da profissão. [...]Ao escrever essa narrativa percebi a carga de conhecimento que tive. Possibilitou-me uma reflexão sobre o processo de escolarização e de formação, levando-me a valorizar, de maneira consciente, essa trajetória. (L.O)

Essa experiência de rememorar foi muito importante para compreensão de todo o caminho percorrido para estar onde estou hoje, todas as dificuldades, desafios, pessoas que me ajudaram e como eu superei tudo, me dando coragem de encarar a vida e novos desafios que virão. (SCMA)

Os enunciados expressam, portanto, que a ação de narrar-se, através da escrita, implica em autoconhecimento, em conhecimento “dos outros” que compõem “os eus”, das influências que tornam possível ser o que se é e dos desafios enfrentados nas várias dimensões que constituem os sujeitos das narrativas. A escrita de si favorece, igualmente, um saber-se capaz, um querer “ser mais” conforme Freire (1996), um desejo de ir além dos condicionantes de toda ordem. Tudo isto, em face do olhar retrospectivo e prospectivo sobre as experiências que permitem ter uma história a ser contada. Desta forma,

a formação se faz em três tempos entre dois, pois passado, presente e futuro se aglutinam no *tempo de agora* – de escrita da narrativa de uma experiência que nos habita em sua atualidade: o que deixamos de ser e o que vamos nos tornando. No *tempo de agora* o presente é atravessado pelo passado e pelo futuro. (MENDES E PÉREZ, 2017, p176). (grifos das autoras).

Tudo isso, graças a um debruçar-se nas memórias, nas experiências formadoras, às quais somente podem configurar-se, enquanto tal, se emergirem de um processo reflexivo que traz à tona as histórias singulares que compõem as histórias coletivas e vice-versa; um processo que não é espontâneo, mas precisa ser oportunizado; que não é fácil, mas necessita engajamento.

O trabalho com as narrativas, na formação de professores, tem esta potência e assume cada vez mais importância na atualidade em face de um contexto que ainda é tão avesso à reflexão e à valorização das singularidades. Para Souza (2006, p. 34) as narrativas (auto)biográficas possibilitam “entender os sentimentos e representações dos atores sociais no seu processo de formação e autoformação”.

A escrita narrativa é potencializadora da autoformação, uma vez que favorece um processo de reflexão sobre as experiências marcantes, podendo resultar em transformações nos modos de sentir, conceber e perceber a si mesmo, aos outros e ao mundo. Essa análise sobre o passado permite ressignificar o vivido, iluminando o processo formativo, atribuindo novos significados e construindo outras perspectivas sobre o futuro.

A partir da escrita de si foi possível para as autoras revisitar o vivido, os feitos, as sensações e emoções (des)agradáveis e revivê-las. O trecho citado a seguir é representativo: “O foco desse texto mexe profundamente com as minhas raízes. Toca as lembranças mais bonitas e me coloca de volta no tempo e num lugar (LA)”.

Torna-se possível, igualmente, ressignificar experiências e transformar sua história. O trecho de uma da narrativa de uma estudante é ilustrativo: “Como narrar minha história? São tantas coisas que é como se eu tivesse passando a limpo” (GA).

Na expressão desta autora, as memórias eleitas para serem registradas passam por uma ressignificação. Desta forma, ao narrar seus percursos, a narradora organiza as ideias e reflete sobre o que ocorreu, dando-lhe novos significados e atribuindo-lhe novas valorações, a partir de suas percepções do presente. Nesta ótica, Cunha (1997, p.03) afirma que:

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, a

narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.

A escrita de si potencializa a capacidade de perceber, numa retrospectiva, seus feitos, suas conquistas a partir de um balanço da vida. Possibilita, por sua vez, rever suas ações e projetá-las em outra direção. Permite desvendar situações e construí-las sob outros ângulos, no sentido de reorientar saberes e aprendizados. Uma das autoras assim afirma:

Hoje posso falar, faltando poucos dias para o término, o quanto foi desafiador e continua sendo estar estudando. Sinto-me realizada, sendo concluinte do curso de Pedagogia. Quantas coisas aprendi e continuo aprendendo!... Quantos desafios foram-se lançados e todos eu soube enfrentar! (GA).

Este exercício reflexivo proporciona novas percepções sobre si mesmo, auxiliando na (re)construção de autoimagens positivas, em face do seu inventário de saberes e realizações. Tudo isso afeta significativamente os processos identitários dos sujeitos que narram, pois segundo Prado; Ferreira; Fernandes (2011, p.148) “as narrativas sobre formação são concebidas como processos de intervenção que podem potencializar a transformação dos sujeitos, uma vez que entrelaçam processos de autoria e de construção identitária”.

O engajamento na autorreflexão proporcionou, ainda, às autoras experimentar as diversas temporalidades que constituem o processo de narrar, ou seja, revisitar o passado, com os olhos do presente, e, igualmente, projetar-se, para um futuro próximo. O depoimento seguinte destaca que:

Só hoje, fazendo essa reflexão sobre como tenho me constituído leitora, é que as coisas ficam mais claras. Agora, percebo que o problema foi durante minha formação na escola de Educação Básica. Contudo, vejo que, aos poucos, estou superando esta deficiência. (RE)

Neste percurso entre passado, presente e futuro, uma das autoras consegue iluminar seu olhar acerca de práticas experimentadas na escola e que, em sua avaliação, não devem ser reproduzidas, mas superadas. Daí a pertinência de afirmar que “esse processo, [...] é formativo para profissionais da educação, uma vez que propicia a reflexão, o repensar a escola e a ressignificação de concepções e prática pedagógico-educativas” (PRADO; FERREIRA; FERNANDES, 2011, p.152). Efetivamente, é possível vislumbrar, por parte de futuras professoras, um potencial para construir novas práticas de ensino que se distanciem daquelas vivenciadas.

Um dos objetivos da autorreflexão através da escrita narrativa foi proporcionar às estudantes a ressignificação das práticas vivenciadas ao se projetarem como futuras professoras, sendo protagonistas de práticas diferenciadas. O depoimento a seguir confirma essa assertiva: “Espero mudar isso completamente e, acima de tudo, poder contribuir efetivamente na formação de leitores” (RE).

Aprofundando o sentido atribuído à autorreflexão, uma das participantes vislumbra aspectos ainda mais efetivos da sua futura atuação, destacando outras possibilidade de atuar na formação de leitores, expressada da seguinte forma: “E assim vou seguindo, lendo a vida, as pessoas, as paisagens e as palavras, para que um dia, quem sabe, produza muitas obras literárias” (PA).

Assim, a escrita narrativa congrega a potencialidade de fomentar sonhos, abrir possibilidades, incitar

desejos, configurando “um bonito retrato de um exercício do direito de inventar inéditos, de inventar a si, de inventar a nós mesmos” (PRADO; FERREIRA, FERNANDES, 2011, Pág. 146).

Tendo em vista que a vivência só se converte em experiência mediante um processo de reflexão e, considerando que o ato de refletir não é algo espontâneo, torna-se imprescindível que sejam criadas situações para que a escrita aconteça com esse intento. O trecho a seguir ilustra bem essa tônica: “pensar como a leitura e a escrita tem se feito presente durante a minha trajetória de vida, não tem sido uma tarefa muito fácil num primeiro momento. Talvez, pelo fato de que eu ainda não havia parado para pensar mais a fundo sobre isso.” (PA)

Considerando que o mundo contemporâneo impele a ações repetitivas, ao consumo, a não produção de ideias e à rapidez do descarte, configurando-se avesso ao processo reflexivo, a escrita narrativa propõe o contrário, isto é, enseja a pausa, a parada, a reflexão que transforma vivências em experiências, como um permanente processo de vir-a-ser.

Importa destacar que, ao refletirem sobre si, por meio das narrativas de formação, o(a)s licenciando(a)s dão significado à construção de suas identidades docentes, revigorando a trajetória escolar, as vivências e os saberes e se percebem como sujeitos constituídos pelo contexto, mas também constituintes desse mesmo contexto.

Portanto, as narrativas revelam dilemas, escolhas, desafios, mas também instigam desejos, sonhos e motivações, situando o narrador na condição de quem se pergunta sobre os significados e a incompletude do tornar-se professor, colocando a autoformação como central em sua trajetória, em face da possibilidade de conhecer, refletir, tomar decisões e assumir responsabilidades sobre seus empreendimentos formativos.

Desta forma, as narrativas têm o poder de desvelar o “o ouro” de que fala o poeta, isto é, trazer à luz toda a riqueza das subjetividades, expressas pelos valores, conhecimentos, habilidades, emoções, sensibilidades, experiências individuais e coletivas, desejos, sonhos, um devir impulsionado pela escrita de si.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Diante das situações de formação rememoradas pelo(a)s licenciando(a)s em suas escritas narrativas foi possível identificar que os desafios da profissão são percebidos pelo(a)s aluno(a)s, porém, não constituem impedimento para persistirem no curso e vislumbrarem uma atuação docente transformadora. As iniciativas de enfrentamento e de ressignificação do vivido comprovam a veracidade de que a formação é construída.

O modo como são registradas as experiências denotam uma avaliação positiva do curso, realçando a trajetória formativa no Ensino Superior como sendo o ambiente profícuo em que cada estudante está aprendendo a ser professor(a). Evidencia-se a importância da Universidade como espaço proficiente de elaboração do pensamento e de ampliação da visão sobre o mundo.

Os sentidos e significados da formação são atribuídos, em grande parte, à forma como são ministradas as disciplinas, com particular destaque para as relações estabelecidas com o(a)s professore(a)s. A representação feita pelo(a)s estudantes acerca do tornar-se professor vincula-se às memórias sobre “bons professores”, como alguém que é próximo, instigante, incentivador, desenvolve metodologias dinâmicas, dialógico, acolhedor. As relações interpessoais desenvolvidas no contexto escolar são as que o(a)s afetam e, por isso, tornam-se marcantes. Em suas lembranças, o que o(a)s professore(a)s ensinam não são conteúdos, mas atitudes, modos de ser, pensar e agir como professores-pessoas.

As histórias narradas e as reflexões realizadas manifestam, simultaneamente, experiências individuais e sociais legitimando processos de aprendizagem da docência, construídos na relação com o outro, com os outros, configurando experiências sociais e culturais da escolarização. As escritas de si sobre a trajetória de formação notabilizam-se pelo registro de histórias positivas ou não, que compõem o repertório de vivências sobre o ser professor, possibilitando a reflexão sobre a formação docente, constituindo uma autoformação.

O ato de narrar revela as histórias, a vida, os percursos de cada um e seus pares, a instituição, a docência exercida por outrem e também abre uma fresta para pensar na própria formação. As narrativas de si inscrevem-se, assim, como um dispositivo de autoformação.

Por fim, convém considerar que as análises aqui apresentadas suscitam inquietações acerca da formação realizada no Ensino Superior com vistas à formação do educador: Como os cursos de Pedagogia lidam com as experiências formativas vivenciadas por aluno(a)s e professores(as)? Como é possível favorecer a construção de aprendizagens mais prazerosas, advindas de metodologias dinâmicas e criativas? Como estabelecer equidade entre o ensino dos conteúdos e as relações interpessoais? Tais questões podem fomentar outros pensares sobre o ensinar/aprender a ser professor(a).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. p. 197-221. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CUNHA, M. I. **Conta-me agora:** as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. In: *Revista Faculdade de Educação*, vol.23, nº 1, 2. São Paulo, jan/dez. 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551997000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

DELORY-MOMBERGER, C. **Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto.** In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.32, mai-ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022006000200011&script=sci_arttext. Acesso em 22 de agosto de 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FINGER, Matthias. **As implicações do método biográfico.** In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal: EDUFRN/São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, M. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Os relatos de história de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento:** destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E., ABRAHÃO M. H. B.(Orgs). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS, 2006.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NÓVOA, A. (Org.). *Vida de professores*. Portugal: Porto Editora, 1995.

MENDES, M. F.; PÉREZ, C. L. V. **Entre nessa roda...** conversas e narrativas na pesquisa e na formação de professores. In: OLIVEIRA, I. B.; REIS, G. (Orgs.). *Pesquisas com formação de professorxs: rodas de conversa e narrativas de experiências*. Petrópolis: DP & A. 2017.

PASSEGGI, M. C. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGI, M. C.; SILVA, V. B. (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PRADO, G. V. T.; FERREIRA, C. R.; FERNANDES, C. H. **Narrativa Pedagógica e memoriais de formação:** escrita dos profissionais da educação? In: *Revista Teias* v. 12 • n. 26 • 143-153. set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24216>. Acesso em 22 de agosto de 2020.

SOUZA, E. C. de. **A arte de contar e trocar experiências:** reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: *Revista Educação Em Questão*, 25 (11), 22-39. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em 27 de agosto de 2020.

SOUZA, E. C. SOUZA, R. M. **Literatura e Educação:** narrativas na pesquisa educacional. In: OLIVEIRA, I. B.; REIS, G. (Orgs.). *Pesquisas com formação de professorxs: rodas de conversa e narrativas de experiências*. Petrópolis: DP & A, 2017.

* Doutora em Educação: Grupo de Estudos e pesquisas Currículo, Formação de Professores e Pesquisa (Auto) Biográfica; Curso de Pedagogia; Universidade Federal da Paraíba; idel.lima21@gmail.com.br

** Doutora em Educação: Grupo de Estudos e Pesquisas Currículo, Formação de Professores e Pesquisa (Auto)Biográfica; Curso de Pedagogia; Universidade Federal da Paraíba; elzaniridentidade@gmail.com